

# LITERATURA DE CORDEL: PERMANÊNCIA E MOVÊNCIA DAS CANTIGAS AOS SUPORTES IMPRESSOS E DIGITAIS<sup>1</sup>

Ana Paula dos Santos<sup>2</sup>

**RESUMO:** Neste estudo pretendo verificar os traços de permanência e de movência na trajetória da Literatura de Cordel (LC) originária do período medieval em que os trovadores eram os disseminadores de informação, cultura e lazer para a população. Pretendo analisar o percurso dessa tradição oral assimilada posteriormente à tecnologia da escrita através de folhetos impressos e se relacionando modernamente aos suportes digitais. A fundamentação teórica pauta-se nos textos sobre Poesia Oral e Movência (ZUMTHOR, 1993 e 1997), Interacionismo e Sociodiscursividade (BRONCKART, 1999), Tradições discursivas (KABATEK, 2006), Cultura Brasileira (AYALA, 1987). Foram analisados 20 cordéis, sendo 10 cordéis físicos que foram digitalizados pela Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC) e 10 cibercordéis, disponíveis em Blogs de Literatura e Cultura Popular. Os resultados apontam que a LC vem conquistando espaços, ou melhor, que a conquista do Ciberespaço ampliou para outras pessoas, além dos poetas populares, sertanejos e pessoas mais humildes, o acesso a essa literatura. É possível encontrar cordéis nos grandes centros urbanos como uma rica fonte de preservação da memória e cultura popular, nas instituições de ensino em práticas docentes, nas universidades como objeto de estudo, conquistando novos leitores assim como novos escritores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura de Cordel. Suporte. Tradição Discursiva. Permanência e Movência.

**RESUMEN:** En este estudio pretendo verificar los rasgos de permanencia y de movimiento en la trayectoria de la Literatura de Cordel (LC) originaria del período medieval en que los trovadores eran los diseminadores de información, cultura y ocio para la población. Poseyendo analizar el recorrido de esa tradición oral asimilada posteriormente a la tecnología de la escritura a través de folletos impresos y relacionándose modernamente con los soportes digitales. La fundamentación teórica se articula en los textos sobre Poesía Oral y Movencia (ZUMTHOR, 1993 y 1997), Interacionismo y Sociodiscursividad (BRONCKART, 1999), Tradiciones discursivas (KABATEK, 2006), Cultura Brasileña (AYALA, 1987). Se analizaron 20 cordeles, siendo 10 cordeles físicos que fueron digitalizados por la Academia Brasileña de Literatura de Cordel (ABLC) y 10 cibercordeles, disponibles en Blogs de Literatura y Cultura Popular. Los resultados apuntan que la LC viene conquistando espacios, o mejor, que la conquista del Ciber-Espacio amplió para otras personas, además de los poetas populares, sertanejos y personas más humildes, el acceso a esa literatura. Es posible encontrar cordeles en los grandes centros urbanos como una rica fuente de preservación de la memoria y cultura popular, en las instituciones de enseñanza en prácticas docentes, en las universidades como objeto de estudio, conquistando nuevos lectores así como nuevos escritores.

**PALABRAS CLAVE:** Literatura de Cordel. Apoyo. Tradición Discursiva. Permanencia y Movencia

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado ao curso de Licenciatura em Letras Português-Espanhol da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito parcial para a conclusão da graduação, sob orientação da Profa. Dra. Valeria S. Gomes (DL/UFRPE). (lelavsg@gmail.com).

<sup>2</sup> Graduanda em Letras pela Universidade Federal Rural de Pernambuco ([santospaula1977@hotmail.com](mailto:santospaula1977@hotmail.com)).

## **1.Considerações iniciais**

Ascender aos dias atuais foi e continua sendo um grandioso feito realizado pelos escritores de cordel e pelo seu público leitor. Antes da cristalização do nome, a Literatura de Cordel (doravante LC), segundo Silva (2005), oriunda das cantigas orais disseminadas pelos cantadores Brasil adentro, eram chamadas de Poesia popular. Da oralidade para a escrita, os livretos eram comercializados pendurados em barbantes em feiras por todo o Brasil, mas principalmente no Nordeste.

Essa prática sobreviveu a era da globalização, do capital, da falta de investimento e de interesse das editoras, e continua atuante tanto nas versões escritas denominados comumente de livretos, quanto nas versões digitais que aparecem em sites e blogs e que podem ser acessados de suportes tecnológicos como tablets, leitores digitais, celulares etc.

Muito preconceito ainda circunda essa literatura. Alguns fatores típicos apontam os motivos para isso. Por exemplo, ter sido originalmente criada e comercializada pelos próprios autores, eliminando, assim, a mediação da indústria livreira. Outro fator que contribui para a não valorização dos cordéis se dá por seus escritores estarem à margem dos padrões literários definidos pelas cátedras, assim como por ser direcionada a um público que, embora ávido para consumir, dispunha de poucos recursos para aquisição de literatura e de outras formas de arte e cultura em geral mais rebuscadas.

Como essa literatura partiu de um ambiente em que grande parte do seu público era analfabeta, direcionou-se para a escrita e alcançou o ambiente digital, surge a questão central desta pesquisa: quais adaptações foram necessárias e como a essência da tradição se mantém nesse processo de movência da tradição oral para o domínio digital? Essa questão me levou a pesquisar sobre o tema, e, após cursar a disciplina Diacronia do Texto e Tradições Discursivas<sup>3</sup>, já na metade do curso de Letras, percebi que poderia transformar essa temática no meu objeto de estudo para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

---

<sup>3</sup>Disciplina optativa oferecida pela Professora Valéria Gomes, no curso de Letras da UFRPE.

Nesse sentido, o objetivo geral desta pesquisa é: investigar os traços de permanência e de movência na trajetória da Literatura de Cordel da tradição oral ao domínio digital.

Os objetivos específicos são:

- verificar os traços de mudança e de permanência na produção e circulação dos cordéis no processo de partida da oralidade para a escrita;
- identificar os traços de mudança e de permanência na produção e circulação dos cordéis no processo de partida da escrita para o ambiente digital.

Para alcançar os objetivos proposto e executar a pesquisa, segui as etapas abaixo elencadas:

- a) Levantamento bibliográfico sobre a LC, a poesia oral, as tradições discursivas e cultura brasileira.
- b) Leitura e fichamento da bibliografia selecionada.
- c) Seleção e montagem do *corpus*, composto de 10 cordéis físicos (digitalizados) e 10 cibercordéis.

#### CORDÉIS FÍSICOS\*

	Título	Autor	Ano
1	Resultado da revolução do Recife. O enterro da justiça*	Francisco das Chagas Batista	1912
2	A escrava Isaura*	Francisco das Chagas Batista	1930
3	O Cachorro dos mortos*	João Martins de Athaide	1951
4	Acabou a gasolina? ou a gasolina acabou?*	José Soares	1977
5	O Pavão Misterioso*	José Camelo de Melo Resende	1980
6	Brasil 500 anos*	Raimundo Santa Helena	2000
7	O Fiscal e a Lagarta*	Leandro Gomes de Barros	1917
8	A casa que a fome mora*	Antônio Francisco	2008
9	Depoimento de um menor abandonado*	Rodolfo Coelho Cavalcanti	2010
10	A Saga de Ariano Suassuna “Eu só sei que foi assim”*	Davi Teixeira	2015

\*cordéis digitalizados disponíveis em <http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/acervo.html#>

## CORDÉIS VIRTUAIS

	Título	Autor	Ano
1	Cordel Do Software Livre Fonte: <a href="http://www.carlissongaldino.com.br/cordel/cordel-do-software-livre">http://www.carlissongaldino.com.br/cordel/cordel-do-software-livre</a>	Cárlisson Galdino	2006
2	A Amazônia é nossa Fonte: <a href="http://mundocordel.blogspot.com/2008/05/poesia-de-marcus-lucenna.html">http://mundocordel.blogspot.com/2008/05/poesia-de-marcus-lucenna.html</a>	Marcus Lucena	2008
3	A importância do Cordel Fonte: <a href="http://mundocordel.blogspot.com/2008/03/poesia-de-mundim-do-vale.html">http://mundocordel.blogspot.com/2008/03/poesia-de-mundim-do-vale.html</a>	Mundim do Vale	2008
4	A peleja do Cordel de Feira com a Internet Fonte: <a href="https://www.jornaldecuaru.com.br/2014/12/rimas-e-versos-a-peleja-do-cordel-de-feira-com-a-internet/">https://www.jornaldecuaru.com.br/2014/12/rimas-e-versos-a-peleja-do-cordel-de-feira-com-a-internet/</a>	Walter Medeiros	2008
5	O Cordel da Internet Fonte: <a href="https://www.recantodasletras.com.br/cordel/4422254">https://www.recantodasletras.com.br/cordel/4422254</a>	IneifranVarão	2013
6	Por que a pobreza nasce e por que a riqueza cresce? Fonte: <a href="http://caritas.org.br/cordel-por-que-a-pobreza-nasce-e-por-que-a-riqueza-cresce/23992">http://caritas.org.br/cordel-por-que-a-pobreza-nasce-e-por-que-a-riqueza-cresce/23992</a>	Erivan Camelo	2013
7	CORDEL: O PERNAMBUQUÊS Fonte: <a href="https://www.recantodasletras.com.br/cordel/1973261">https://www.recantodasletras.com.br/cordel/1973261</a>	Carlinhos Cordel	2014
8	Cadê O Super-Homem? Fonte: <a href="http://www.carlissongaldino.com.br/cordel/cad%C3%AA-o-super-homem">http://www.carlissongaldino.com.br/cordel/cad%C3%AA-o-super-homem</a>	Cárlisson Galdino	2017
9	Quem pode parir não quer parir, quem pare não está podendo Fonte: <a href="https://www.recantodasletras.com.br/cordel/6075921">https://www.recantodasletras.com.br/cordel/6075921</a>	Miguel Jacó	2017
10	Sob o teto da vergonha nacional Fonte: <a href="https://www.recantodasletras.com.br/cordel/6072530">https://www.recantodasletras.com.br/cordel/6072530</a>	Bruno Down	2017

d) Análise, discussão e redação do presente artigo.

A análise parte da compreensão do elo entre a produção literária do cordel e o seu contexto social Bronckart (1999). A contextualização dessa produção ocorre em dois níveis: o nível físico (ações e práticas) e o mundo subjetivo (social):

1. Lugar de produção: lugar físico da produção do texto;
2. Momento de produção: extensão do tempo durante o qual texto é produzido;
3. Emissor (produtor): quem produz fisicamente o texto (modalidade oral ou escrita);
4. Receptor: aquele que pode perceber concretamente o texto.

O eixo norteador da pesquisa é a movência dos cordéis. Segundo o Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa, a palavra movência<sup>4</sup> significa estado ou qualidade do que se move, mobilidade.

<sup>4</sup>Movência: Estado ou qualidade do que se move; mobilidade. In: <https://www.infopedia.pt/dicionários/lingua-portuguesa/>. Acessado em 15/05/2017.

Palavra aqui oportunamente utilizada para definir o trajeto percorrido pela LC, desde a sua origem como cantiga oral, incorporando a tecnologia da escrita em folhetos de baixo custo e chegando à atualidade através da propagação em suportes digitais. Os caminhos para esse não-apagamento, as releituras e ressignificação da LC são os assuntos de que trata este artigo.

Espero com esse trabalho contribuir para a divulgação dessa fecunda, ritmada e receptiva literatura, assim como cooperar na diminuição do preconceito que ronda a LC, que sempre enfrentou dificuldades para ser aceita em ambientes educacionais sejam eles escolares ou universitários.

## 2.A resistência dos cordéis

Na linha do tempo da Literatura Brasileira, numa comparação entre a literatura Clássica e a LC é possível perceber a longevidade do cordel desde suas mais remotas origens europeias até a chegada em 2005 de um dos primeiros Blogs sobre o tema.



O ano de 1893 é apontado como marco inicial da literatura de cordel no Brasil, com a publicação dos primeiros folhetos de Leandro Gomes de Barros. No entanto, existe um folheto de autor desconhecido publicado em Recife, em 1865. A análise preliminar, que confronta este folheto com um folheto português de 1861, permite concluir que o de 1865, pelas suas características, é um folheto brasileiro e, portanto, o mais antigo de que se tem notícia.

E foi no nordeste brasileiro, onde a LC se tornou parte do cotidiano de diversas gerações, a produção e divulgação dessa tradição enfrentam os mesmos entraves de séculos atrás. Essa dificuldade se dá em parte pelo preconceito linguístico existente no Brasil, por ter sido originária de uma cultura oral. Em muitas ocasiões, a língua falada é estigmatizada por não fazer parte do modelo padrão da escrita. Determinados registros são tidos como erro. Segundo Bagno, (2007, p.42), “O problema não está naquilo que se fala, mas em quem fala o quê. Neste caso, o preconceito linguístico é decorrência de um preconceito social”

Esse prejulgamento é alimentado pela falta de conhecimento sobre variantes linguísticas e sua importância na formação de uma língua.

O preconceito atua contra as variantes faladas por pessoas que não estão nos grandes centros, os não letrados, ou seja, a língua dos falantes excluídos das camadas sociais de prestígio. Adicionada ao preconceito linguístico, ainda existe a percepção da LC como uma subliteratura, pois os primeiros escritores de cordel eram oriundos das camadas populares, assim como o público a quem essa literatura se destinava.

De acordo com Tavares (2017 p.122) , “fenômeno editorial do cordel brasileiro: o livro para o editor que não pode publicar livros e para o leitor que não pode comprá-los. O livro vagabundo, no melhor sentido do termo: livre, errante, solto, produto invisível da economia informal. O livro dos que não têm direito ao livro”.

O livreto de cordel normalmente se apresenta em papel-jornal, com 11 centímetros por 16, e de acordo com o tamanho do poema pode ter 8, 16 ou 32 páginas. São vários os tipos de versos que compõem a LC, de acordo com a quantidade de versos e o uso:

- ❖ Quadra – uma estrofe de quatro versos
- ❖ Sextilha – uma estrofe de seis versos
- ❖ Septilha – uma estrofe de sete versos, essa é a mais rara
- ❖ Oitava – uma estrofe de oito versos
- ❖ Quadrão – os três primeiros versos rimam entre si, o quarto com o oitavo e o quinto, o sexto e o sétimo também entre si

- ❖ Décima – uma estrofe de dez versos
- ❖ Martelo – estrofes formadas por decassílabos (estes são muito comuns em desafios e versos heróicos)

Apesar da LC não desfrutar do reconhecimento e da valorização que lhe é devida, sua importância na formação cultural dos povos que resultaram em nossa sociedade é assentida por Zumthor (1997, p. 10), “Ninguém sonharia negar a importância do papel que desempenharam na história da humanidade as tradições orais. As civilizações arcaicas e muitas culturas das margens ainda hoje se mantêm, graças a elas”.

A LC apresenta características marcantes e importantes para a preservação da memória cultural e suas significações disseminadas inicialmente por meio das cantigas orais e depois pelos folhetos. Sempre abordaram em suas cantorias, e posteriormente em seus versos, temas lúdicos, assim como temas mais espinhosos como a crítica social, oferecendo aos leitores uma forma peculiar de aquisição de informações. O cordel também alimenta retrata os costumes, as lendas e a tradição do povo. Assim sendo, atua no interior da cultura como um meio propagador da visão de mundo das populações, retratando o dia-a-dia de quem não tem representação nas mídias tradicionais e expandindo essa literatura para leitores que não frequentam os ambientes em que o cordel físico circula.

Ao contrário das previsões do fim do cordel escrito, com o surgimento das novas tecnologias, os suportes digitais permitiram a digitalização do material escrito resultando na sua proteção e na propagação sem limites territoriais, socioeconômicos ou barreiras linguísticas. Qualquer pessoa interessada em conhecer mais sobre a LC tem à disposição material histórico assim como os novos cordéis que são escritos diretamente em sites e blogs que discutem sobre literatura, cultura e educação.

Diferentemente dos que rechaçam a LC, sob o pretexto de ser uma sublitteratura sobre assuntos corriqueiros e desinteressantes, conhecer essa literatura é perceber sua importância e complexidade, é inferir sobre textos ricos em questionamentos e problematizações referentes a questões socioculturais, econômicas, políticas e ainda abarcar uma postura crítica em relação ao seu espaço de atuação. Nessa perspectiva, o cordel está diretamente ligado à cultura. Segundo Ayala (1987) a cultura pode ser definida como tudo aquilo que é produzido pelo homem, o que engloba desde o pensamento até a ação. Ou seja, a cultura abrange a

produção material (objetos) e a produção imaterial (ideias) do ser humano. Assim, ao estudar esse tipo de literatura, não é possível desvinculá-la da realidade, uma vez que ela estabelece uma relação intrínseca entre a cultura e a sociedade.

Pesquisar essa literatura é revisitar aspectos que julgo importantes para a prática docente, é se despir de pré-noções, é buscar leituras e autores que, imbuídos de embasamento científico, atestam a importância do cordel, ratificando sua validade enquanto literatura, cultura, arte, diversão, memória e legado daqueles que estão à margem do padrão estabelecido por critérios socioeconômicos que tentam menosprezar toda e qualquer expressão que não se encaixe nos moldes de consumo.

Pesquisando informações disponíveis em jornais e sites, é possível ter acesso a estudos e depoimentos de vários autores de renome como João Guimarães Rosa, João Cabral de Melo Neto, Ariano Suassuna, Antônio Callado e Ferreira Gullar, dentre outros, que foram influenciados pela Literatura de Cordel, seguem alguns exemplos.

Carlos Drummond de Andrade, reconhecido como um dos maiores poetas brasileiros do século XX, assim definiu, certa feita, a literatura de cordel:

A poesia de cordel é uma das manifestações mais puras do espírito inventivo, do senso de humor e da capacidade crítica do povo brasileiro, em suas camadas modestas do interior. O poeta cordelista exprime com felicidade aquilo que seus companheiros de vida e de classe econômica sentem realmente. A espontaneidade e graça dessas criações fazem com que o leitor urbano, mais sofisticado, lhes dedique interesse, despertando ainda a pesquisa e análise de eruditos universitários. É esta, pois, uma poesia de confraternização social que alcança uma grande área de sensibilidade<sup>5</sup>.

Ariano Suassuna numa entrevista para o jornal Folha de São Paulo em Junho de 1999 defendeu:

O folheto-de-cordel e alguns espetáculos populares como o "auto-de-guerreiros" ou o "cavalo-marinho" são fontes preciosas para os artistas que sonham se unir a uma linhagem mais apegada às raízes da cultura brasileira. É que, em seu conjunto, tudo aquilo forma um espaço cultural criado por nosso próprio povo e no qual, por isso mesmo, ele se expressa sem maiores imposições e deformações que lhe viessem de fora ou de cima<sup>6</sup>.

É perceptível nas falas dos estudiosos o valor social da LC, tendo origem na oralidade e na musicalidade, seus versos e rimas ajudaram na memorização das composições que mais tarde foram cruciais para que as obras pudessem ser transcritas para o papel. No seu cerne a literatura de cordel é coletiva, é partilhada.

---

<sup>5</sup>. Disponível em: [http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-8FMH5A/entrefanaticos e herisGabriel braga.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-8FMH5A/entrefanaticos%20e%20herisGabriel%20braga.pdf?sequence=1). Acesso em 12/02/2018

<sup>6</sup>Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz01069907.ht/m>. Acesso em:12/02/2018.



Ferreira Gullar possui diversos poemas feitos em gênero de cordel com forte crítica à política da época assim como a exploração dos trabalhadores:

– Vamos mudar o sertão  
pra vida deles mudar.”  
Enquanto Chico falava  
no rosto magro de João  
uma nova luz chegava.  
E já a aurora, do chão,  
de Sapé, se levantava.

E assim se acaba uma parte  
da história de João.  
A outra parte da história  
vai tendo continuação  
não neste palco de rua,  
mas no palco do sertão.  
os personagens são muitos  
e muita a sua aflição.

Já vão compreendendo  
como compreendeu João,  
que o camponês vencerá  
pela força da união.  
Que é entrando para as Ligas  
que lê derrota o patrão,  
que o caminho da vitória  
está na Revolução!

João Cabral de Melo Neto escreveu um cordel sobre a importância dessa literatura para as populações que viviam nos engenhos:

#### Descoberta da Literatura:

No dia-a-dia do engenho,  
toda a semana, durante,  
cochichavam-me em segredo:  
saiu um novo romance.  
E da feira do domingo  
me traziam conspirantes  
para que os lesse e explicasse  
um romance de barbante.  
Sentados na roda morta  
de um carro de boi, sem jante,  
ouviam o folheto guenzo,  
a seu leitor semelhante,  
com as peripécias de espanto  
preditas pelos feirantes.  
Embora as coisas contadas  
e todo o mirabolante,

em nada ou pouco variassem  
nos crimes, no amor, nos lances,  
e soassem como sabidas  
de outros folhetos migrantes,  
a tensão era tão densa,  
subia tão alarmante,  
que o leitor que lia aquilo  
como puro alto-falante,  
e, sem querer, imantara  
todos ali, circunstantes,  
receava que confundissem  
o de perto com o distante,  
o ali com o espaço mágico,  
seu franzino com o gigante,  
e que o acabassem tomando  
pelo autor imaginante

ou tivesse que afrontar  
as brabezas do brigante.  
(E acabaria, não fossem  
contar tudo à Casa-grande:  
na moita morta do engenho,  
um filho-engenho, perante

cassacos do eito e de tudo,  
se estava dando ao desplante  
de ler letra analfabeta  
decurumba, no caçanje  
próprio dos cegos de feira,  
muitas vezes meliantes.)

Esses autores da literatura canônica brasileira reconheceram a importância LC e defenderam sua existência, como uma fonte de memória e resgate da nossa mais antiga literatura visto que teve sua origem na chegada dos europeus ao nosso continente.

### **3.A circulação dos cordéis no processo de partida da oralidade para a escrita**

Tendo início no século XVI, a LC foi popularizada durante o renascimento, por toda a Europa, graças aos trovadores que cantavam as tradições e as novidades que surgiam em formato de trovas. Na passagem da oralidade para a escrita, as obras continuaram sendo criadas e propagadas por seus autores, contrariando interesses econômicos, que separam o artista do processo de comercialização da sua produção.

A literatura de cordel chegou no balaio de nossos colonizadores, instalando-se na Bahia e mais precisamente em Salvador. Dali se irradiou para os demais estados do nordeste (...). Por volta de 1750 é que apareceram os primeiros vates da literatura de cordel oral. Engatinhando e sem nome, depois de relativo longo período, recebeu o batismo de poesia popular. Foram esses bardos do improviso os precursores dos poetas da literatura de cordel escrita. Os registros são muito vagos, sem consistência confiável de repentistas ou violeiros antes de Manoel Riachão ou Mergulhão, mas Leandro Gomes de Barros teria escrito a peleja de Manoel Riachão com o Diabo em fins do século ou no limiar do século XX. (SILVA, 2005, p. 19)

Muito antes da propagação pela escrita, pelo rádio, pela TV, pelos computadores e redes sociais, era através dos trovadores medievais que os povoados do velho mundo tinham acesso às notícias do que acontecia fora de suas terras. Eram eles os principais divulgadores de informação da população que não tinha acesso a livros e à educação, boa parte era analfabeta e através das trovas tinham acesso a fatos ocorridos em outros lugares sobre diversos assuntos que iam da política à religião, passando pelas novidades da época, costumes e desavenças.

No Brasil, fatores parecidos como o analfabetismo, limites de acesso impostos pela condição financeira da maioria da população aos meios de informação, populações esparsas e afastadas dos grandes centros foram as condições ideais que fizeram do nordeste o berço da LC. Conforme Batista (1997, p.74).

No Nordeste, por condições sociais e culturais peculiares, foi possível o surgimento da literatura de cordel, da maneira como se tornou hoje em dia, característica da própria fisionomia da região. Fatores de formação social contribuíram para isso: a organização da sociedade patriarcal; o surgimento de manifestações messiânicas; o aparecimento de bandos de cangaceiros ou bandidos; as secas periódicas provocando desequilíbrios econômicos e sociais; as lutas de famílias que deram oportunidade, entre outros fatores, para que se verificasse o surgimento de grupos de cantadores como instrumento do pensamento coletivo, das manifestações da memória popular.

Ao mesmo tempo em que se traduz em uma linguagem acessível, rimada e de fácil memorização acerca de acontecimentos diversos, muitas vezes externos a uma determinada comunidade, também retrata os costumes, as lendas, a tradição oral desse povo, atuando no interior da cultura como um meio propagador da visão de mundo dessas populações, retratando o dia-a-dia de quem não tinha representação nas mídias tradicionais, ainda muito ligadas ao que vinha de fora, aos padrões de beleza e de culturas importados principalmente da Europa. Por isso, as histórias curtas apresentavam aos leitores o heroico, o novelesco, a picardia, entre outras histórias. Dentre principais autores do passado estão os poetas Leandro Gomes de Barros (1865-1918) e João Martins de Athayde (1880-1959).

Ao retratar o modo de vida de uma população, o cordel acelera processos de conhecimento e registro da cultura popular, sem alterar sua significância na realização de um objetivo comunicativo, seus valores, seus signos e significados. Sobre isso esclarece Bronkard (1999, p.34):

É só sob o efeito da confrontação do valor ilocutório das produções dos interactantes que se estabilizam progressivamente os signos, como formas compartilhadas (ou convencionais) de correspondência entre representações sonoras e representações de entidades do mundo.

As populações que apreciam a LC vislumbram suas tradições, percebendo a si mesmas nessa literatura.

Um público que até então não se via representado na arte que chegava ao Brasil vinda da Europa. O leitor de cordel passou a ter representatividade tanto nos personagens quanto no ambiente em que as histórias são contadas. Mesmo que a temáticas inicialmente tratassem de algo exterior ao contexto dos leitores, a linguagem aproxima o leitor da obra.

A literatura de cordel se tornou uma espécie de janela do mundo para uma população que, até então, tinha pouco contato com a leitura e a escrita. Os poemas trazidos pelos cantadores eram decorados pelas pessoas que os repassavam de forma oral, nas rodas familiares, festas e encontros. A carga semântica dos poemas reverberava na realidade dos ouvintes, que dispunham não de uma literatura rebuscada ou elitizada, mas sim numa sonoridade que lhes permitia compreender os versos, apreender e repassar. De acordo com ZUNTHOR (2007, p.81):

Toda poesia atravessa e integra, mais ou menos imperfeitamente, a cadeia epistemológica sensação-percepção-conhecimento-domínio do mundo: a sensorialidade se conquista no sensível para permitir, em última instância, a busca do objeto. Ora, todo conhecimento está a serviço do vivo, a quem ele permite preservar no seu ser. Por isso, a cadeia epistemológica continua a fazer do vivente um sujeito; ela coloca o sujeito no mundo.

Além do caráter informativo e lúdico para uma população que, em meados do século XIX, era majoritariamente analfabeta, propiciava a manutenção dessa cultura oral, que mais tarde permitiu trilhar os caminhos que levaram ao suporte escrito, visto que, ao depender da memória daqueles que repetiam os versos apreendidos dos cantadores, fazia desse conhecimento vulnerável a existência do orador e da existência dos ouvintes. O suporte inicial do gênero no século XIX se dá em papéis de baixo custo, em seguida surge a xilogravura<sup>7</sup> – desenhos talhados em madeira – que passaram a ajudar a contar os enredos.

Uma das raízes muito comuns no início do século XIX eram as pelejas<sup>8</sup>, uma cantoria em que dois cantadores disputavam quem elaborava os melhores versos sobre um determinado tema e quem julgava o vencedor eram os ouvintes presentes.

---

<sup>7</sup> A xilogravura – arte de gravar em madeira – é de provável origem chinesa, sendo conhecida desde o século VI. No ocidente, ela já se afirma durante a Idade Média, através de iluminuras e confecções de baralhos. Mas, até aí, a xilogravura era apenas uma técnica de reprodução de cópias. Só mais tarde ela começa a ser valorizada como manifestação artística em si.”

<sup>8</sup>Uma das primeiras pelejas documentadas consta de 1889, do autor paraibano Leandro Gomes de Barros (1865-1918), autor de Peleja de Manoel Riachão com o Diabo. (Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/educacao/cordel-digital>). Acesso em 14/05/2018

No processo do cordel escrito algumas pelepas foram transcritas, mas com o tempo foram deixadas de lado, até que, com o surgimento da comunicação online, as pelepas retornam, pois o “ouvinte” que agora pode ser chamado de internauta está novamente “presente” durante os embates. Segundo a pesquisadora pernambucana Maria Alice Amorim<sup>9</sup>, a primeira peleja virtual ocorreu via correio eletrônico em 1997. Um cordelista pernambucano e outro paraibano realizaram o primeiro embate via web de que se tem notícia: A peleja virtual entre José Honório (PE) e Américo Gomes (PB).

"Honório meu camarada/ Se lhe for de bom agrado/ Quero lhe desafiar/ Para cantar lado a lado/ Disputando uma peleja/ Com o meu verbo afiado/ Pelo correio eletrônico/ Vou lhe deixar estirado", escreveu Américo por e-mail. A troca de versos por correspondência eletrônica durou 15 dias. Até hoje, ele e José Honório nunca estiveram frente a frente, mas a ideia das pelepas via internet se disseminou entre os poetas com a ajuda da própria rede, de acordo com uma pesquisa feita pelo Blog Educar com cordel<sup>10</sup>. Outro exemplo foi a peleja virtual feita através do Twitter em 2009<sup>11</sup> disponível para visualização na plataforma do youtube, mas que infelizmente não consta escrito.

Acredita-se que grande parte das obras literárias da Grécia tenham se perdido no tempo e na memória daqueles que construíram o império grego na antiguidade, pela falta do registro escrito. Grandes obras como Odisséia, de Homero, que surgiu como cantigas orais e posteriormente foi transcrita para o papel, conseguiram chegar aos nossos dias. Eis um dos principais benefícios trazidos pelo registro escrito da LC. A principal delas tem a ver com a documentação e preservação das cantigas que, enquanto existiam apenas na oralidade, dependiam da memória dos que cantavam e dos que ouviam. A escrita propiciou a manutenção dessa cultura assim como preparou as bases para o futuro. A escrita deu um passo seguinte: os cordéis digitalizados, facilitando o acesso ao imenso acervo disponível.

---

<sup>9</sup> ENTREVISTA: MARIA ALICE AMORIM “Popular, erudito e massivo são etiquetas demodées” Por: Decilene Mendes, Jademilson Silva e Betânia Maciel. (Disponível em <http://www.revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/viewFile/979/728>.) Acesso em 13/05/2018.

<sup>10</sup> <http://educarcomcordel.blogspot.com/2009/11/peleja-virtual.html>

<sup>11</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=S8PAVm4GQbI> recitado no Café Cultural Fafire na VII Bienal do Livro de Pernambuco (03/10/2009).

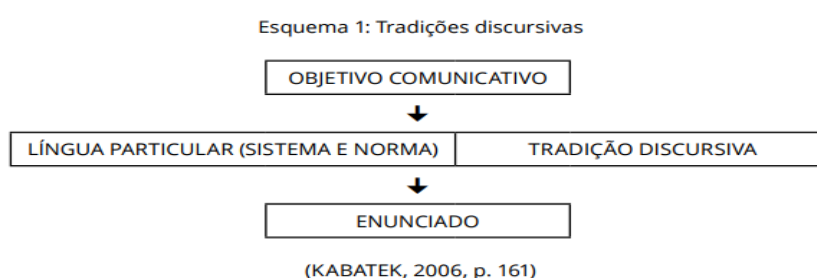
Essa abrangência era impensável quando os únicos meios de acesso aos cordéis eram comprando dos viajantes que andavam em mulas pelas cidades mais afastadas do nordeste, caso o leitor não morasse nos grandes centros. Outra dinâmica se instaura com a veiculação no ambiente digital, como expõe o tópico seguinte.

#### **4.A circulação dos cordéis da escrita para o ambiente digital**

Com o advento da internet, especialmente nos Blogs, a literatura de cordel ganhou novas ferramentas e ampliou a possibilidade de acesso. Nesse processo amplia também sua linguagem, pois não é a simples transposição do folheto físico para o ambiente digital, é a construção de um novo ambiente, de novas fronteiras, uma nova forma de a LC ser produzida, disseminada e lida, de acordo com Souza. (2007, p. 6).

O cibercordel, nesse sentido, constitui-se como a sinergia entre as formas de narrar do cordel com a interatividade e conectividade desterritorializada e simultânea do ciberespaço. É, dessa forma, um cordel produzido em rede, impondo a autoria coletiva como forma de produção da obra. O cibercordel não é, portanto, a simples transposição do cordel feito off-line para o nível on-line. Além disso, é a efetivação de uma obra de literatura popular em verso sob as possibilidades de comunicação horizontal e simultânea que a plataforma comunicacional do ciberespaço oferece.

Nesse prisma, a LC apresenta em seus enunciados, um conjunto correlacionado entre os atos de fala, que são reconhecidos e internalizados pelos sujeitos, conforme o esquema de (KABATEK, 2006, p. 161).



Ainda segundo Kabatek (2004, p. 518), falar consiste fundamentalmente na atribuição de signos linguísticos a um mundo percebido, signos com caráter nominal (para designar coisas) ou verbal (para designar ações). Entre as ações designadas com a combinação de elementos nominais e verbais, quer dizer entre frases, os falantes e os ouvintes estabelecem relações de diferentes tipos, classificáveis segundo o seu grau de complexidade. Assim,

mesmo com a mudança do suporte para o ciberespaço, o cordel mantém traços da tradicionalidade. É nesse sentido que Kabatek (2006, p.512) define Tradição Discursiva:

Entendemos por Tradição Discursiva (TD) a repetição de um texto ou de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou falar que adquire valor de signo próprio (portanto é significável). Pode se formar em relação a qualquer finalidade de expressão ou qualquer elemento de conteúdo, cuja repetição estabelece uma relação de união entre atualização e tradição; qualquer relação que se pode estabelecer semioticamente entre dois elementos de tradição (atos de enunciação ou elementos referenciais) que evocam uma determinada forma textual ou determinados elementos linguísticos empregados.

Dentro do universo do cordel, fica evidente que não existem limitações quanto aos assuntos abordados, seu ambiente é plural tanto quanto é diversificada a sociedade que serve de inspiração para os cordelistas.

Embora as mudanças sejam constantes em qualquer sociedade, problemas como a fome, a desigualdade social, racismo, preconceitos, assim como a religiosidade, as festas populares e folgedos são pontos permanentes e que continuam sendo abordados tanto nos cordéis tradicionais quanto nos cibercordéis. Outra característica encontrada nos dois suportes são os cordéis com críticas a forma como o governo usa recursos que deveriam servir a população, mas sofrem desvios, a corrupção institucionalizada é tema recorrente nesta literatura. Como mostra o exemplo abaixo, um cordel com um viés de escárnio “O Fiscal e a Lagarta”, de Leandro Gomes de Barros:

Exemplo 1:

Estava um dia uma lagarta  
Debaixo de um pé de fumo  
Quando levantou a vista  
Viu um fiscal do consummo.  
Disse a lagarta consigo:  
Eu hoje me desarrumo.

O fiscal perguntou logo  
Insecto, o que estás roendo?  
A lagarta perguntou-lhe  
Fiscal, que andas fazendo?  
- Aperriando o commercio  
Tomando tudo e comendo.

Disse o fiscal: para imposto  
O governo me nomeia  
A lagarta respondeu-lhe  
Você precisa é cadeia,  
Para perder o costume  
De andar roubando de meia.

Disse o fiscal: o governo  
Não poderá se manter,  
Sem procurar o imposto  
De quem comprar e vender,  
Artista e agricultor  
Pagam por justo dever.

O autor do cordel acima faz uma dura crítica aos impostos cobrados pelo governo, usando uma linguagem conotativa, evitando assim possíveis perseguições e ainda tornando a leitura lúdica.

Uma forte característica da LC é o uso de conotações e ironia, traços marcantes que o público leitor sempre espera encontrar e que foram mantidos nos cibercordéis.

O percurso da LC atravessou longos trajetos Brasil adentro, sobreviveu ao êxodo rural - em que os moradores do campo se viram obrigados a irem morar nas periferias dos grandes centros. Viu a popularização maciça do rádio, o nascimento da TV e o “boom” da internet. Cada acontecimento aqui descrito foi absorvido pela LC e passou a fazer parte das possibilidades comunicativas do cordel.

Sobre a passagem da escrita para o ambiente digital defende Chartier (2010, p.8):

As mutações do presente ou os desafios da textualidade digital. Trata-se sem dúvida de uma tarefa urgente hoje, numa época em que as práticas do escrito se encontram profundamente perturbada. As mutações de nosso presente transformam, ao mesmo tempo, os suportes da escrita, a técnica de sua reprodução e disseminação, assim como os modos de ler.

Com a expansão do mundo globalizado e o acesso à internet resultante das inovações tecnológicas, o cordel precisou novamente se adaptar, embora uma parte da população ainda esteja à margem do mundo globalizado, principalmente as populações com menor poder aquisitivo, os escritores perceberam a necessidade de inserir a LC aos novos suportes, sob o risco de ficarem à margem do mundo virtual. A porta de entrada para esse mundo pode ser acessada através de suportes tecnológicos como celulares, computadores, leitores de e-book, tablets etc. A respeito das relações econômicas e sociais que definem o acesso às tecnologias, Kawamura (1990, p.14) pontua:

Procurar relacionar a educação com as inovações tecnológicas e o processo de trabalho nos remete à necessidade de situá-la no contexto amplo das relações sociais. Através da educação, enquanto instância ideológica, as classes dominantes criam, organizam e difundem os padrões éticos, científicos, artísticos e outros, com vistas à articulação cultural favorecendo basicamente seus interesses. No entanto, isso não significa que a educação seja uma mera representação desses interesses e nem que não haja espaço nela para uma prática relativamente independente, com vistas inclusive a um trabalho de deslegitimação daqueles padrões, o que dependerá da correlação das forças sociais.

O cordel sempre esteve à margem dos padrões estéticos ditados pelas classes dominantes, justamente por serem oriundos das classes subalternas.



Todo o processo de criação, divulgação e consumo dessa literatura buscaram espaços de atuação independentes. Nesse sentido, os suportes digitais têm um papel primordial em sua preservação com respeito à vasta influência do ambiente virtual mais democrático no sentido do acesso, embora limitado pelo custo.

Para Bortoni-Ricardo (2014, p.48):

As diferenças de status socioeconômico representam desigualdades na distribuição de bens materiais e de bens culturais, o que se reflete em diferenças sociolinguísticas. Entre os bens culturais, ressalte-se a inclusão digital. O acesso ao computador e à internet está associado ao status socioeconômico.

A batalha do cordel, que nos seus primórdios era travada no lombo de mulas atravessando o país em busca de leitores, atravessou o século XXI e continua sua peleja nos ambientes virtuais. Entretanto, o que não chegou aos nossos dias foi o acesso universal a esses ambientes, nem a erradicação do preconceito.

A transposição do suporte físico para os suportes virtuais é assunto recorrente na produção de vários autores. No primeiro exemplo, o autor sintetiza a importância do cordelista tido como pai da Literatura de Cordel no Brasil, Leandro Gomes de Barros, aborda temas tratados ontem e hoje por esta literatura e ainda defende o novo lugar da LC na modernidade. No segundo exemplo, o cordelista chama a atenção para a importância da virtualização do cordel para evitar as intempéries do tempo e da conservação do papel, além da facilidade de propagação das criações.

Exemplo 2

Filho amado da mente nordestina,  
Sempre teve o cordel grande sucesso.  
Cavalgando no dorso do progresso,  
Mas fiel à escola leandrina<sup>12</sup>  
Muitas vezes saiu da oficina,  
Em notícia de impacto social.

Foi aí que o cordel se fez jornal,  
Na linguagem padrão e não matuta,  
Sendo a modernidade absoluta  
Pode e deve o cordel ser virtual.  
(Gonçalo Ferreira - Ipu/CE)

---

<sup>12</sup>Site especializado em LC que começou como Blog e hoje é encontrando nos dois gêneros. Disponível em <http://mundocordel.com>. Acesso em: 10/06/2018

### Exemplo 3

Antes do computador  
Tínhamos fragilidades,  
Hoje nas comunidades  
O cordel tem mais valor.  
Cordelista ou cantador

Quando um cordel escrevia,  
Era só ele quem lia,  
O caderno amofumbava.  
Uma parte o mofo dava,  
A outra, a traça comia.  
(Eduardo Viana)

Na transposição do cordel impresso ou digitalizado para os cibercordéis, que são criados diretamente nas plataformas virtuais pelos escritores, novamente temos a ausência das editoras no processo de criação, divulgação e consumo da LC, sobre essa nova forma de escrita do cordel Diniz (2007) faz o seguinte comentário:

Como podemos observar, o uso da internet pelo cordelista é vista como novidade e forma de sobrevivência de sua arte e da tradição. O jeito enviesado de fazer o cordel refere-se diretamente aos novos mecanismos de interação e as modalidades de escrita e transposição que o hipertexto gera na escritura tradicional. As várias discussões sobre a transição do folheto para a internet são também mencionadas pelo poeta, sendo até hoje item de discussão entre vários cordelistas, que observam no virtual uma ameaça às práticas tradicionais das feiras livres.

Na passagem da LC escrita para os suportes virtuais alguns críticos supunham que haveria perdas para o então cordel tradicional, confeccionado em papéis de baixo custo e que chegam às mãos dos leitores em feiras, pequenas bancas de jornal que resistem ao tempo, pequenas livrarias e sebos. Porém, o cibercordel não acarretou o apagamento do cordel escrito. Para a professora e pesquisadora de folclore Linhares (2009, online)<sup>13</sup>:

A literatura de cordel continua um expressivo meio de comunicação neste século XXI, apesar da morte, tantas vezes anunciada, ao longo dos tempos. Felizmente, enquanto expressão cultural permanece adaptada, reinventada, no desempenho de suas funções sociais. Informar, formar, divertir, socializar ou poetizar, conforme os diferentes temas que retrata e o enfoque abordado.

---

<sup>13</sup>LINHARES, Thelma R. S. A história da Literatura de Cordel. (Disponível em: <http://www.camarabrasileira.com/cordel101.htm>). Acesso em 14/05/2018.

Da oralidade, lá em suas origens remotas, à era tecnológica, hoje, é real a transformação e adaptação, compatível à própria evolução da humanidade.

O poema assume caráter sociocultural, isto é, uma leitura como representação social, propagando um conhecimento histórico social e que promove uma reflexão crítica acerca da realidade. Não existe ruptura no percurso da LC de um gênero para outro, porque na passagem os resquícios de um se somam às novas características.

Assim sendo, a musicalidade das cantigas orais permaneceram nos cordéis escritos, assim como as estruturas<sup>14</sup> usadas na escrita continuam sendo usadas nos cordéis escritos diretamente nos suportes digitais.

Abaixo seguem dois exemplos de cordéis físicos que foram digitalizados pela ABLC<sup>15</sup>:

Exemplo 4

**A Casa Que a Fome Mora**  
**Autor: Antônio Francisco**

Eu de tanto ouvir falar  
Dos danos que a fome faz,  
Um dia eu saí atrás  
Da casa que ela mora.  
Passei mais de uma hora  
Rodando numa favela,  
Por gueto, beco e viela,  
Mas voltei desanimado,  
Aborrecido e cansado  
Sem ter visto o rosto dela.

Vi a cara da miséria  
Zombando da humildade,  
Vi a mão da caridade  
Num gesto de um mendigo  
Que dividiu o abrigo,  
A cama e o travesseiro,  
Com um velho companheiro  
Que estava desempregado,  
Vi da fome o resultado,  
Mas dela nem o roteiro.

Vi o orgulho ferido  
Nos braços da ilusão,  
Vi pedaços de perdão  
Pelos iníquos quebrados,  
Vi sonhos despedaçados  
Partidos antes da hora,  
Vi o amor indo embora,  
Vi o tridente da dor,  
Mas nem de longe vi a cor  
Da casa que a fome mora.

Exemplo 5

**BRASIL 500**

Fico triste quando olho a miséria  
Refletida no vazio da panela  
Na magreza retrocesso da matéria  
Na tristeza dos sapatos na janela  
Nos festejos do Menino de Belém  
A criança quer presente que não vem  
Enxugar mais um soluço na goela (na goela)  
E os dólares do Fundo vão pra quem?



LITERATURA DE CORDEL PARA CRIANÇA  
RAIMUNDO SANTA HELENA

**BRASIL 500**

Fico triste quando vejo Amazônia  
Mais queimada que bandeiras em Moscou  
Estrangeiro controlar sem cerimônia  
O quinhão que meu País privatizou  
Patriota na penumbra tateando  
Com lanterna de carvão vai procurando  
Para ver se algum homem escapou (escapou)  
No Brasil 500 anos festejando... FIM



Raimundo Santa Helena  
UM MARUJO NA ESCUINA DO MUNDO  
"Medalha Pedro Ernesto" e "Cidadão Fluminense"  
Caixa postal 17.055, Rio, RJ - 21310-971 - Tel. 3359-6175  
cordelens@bol.com.br

Biblioteca Aspirante Renato Luiz  
Rua Ivinheima, 334, Bento Ribeiro,  
Rio de Janeiro, RJ, Brasil, CEP: 21550-390

LITERATURA DE CORDEL PARA CRIANÇA  
RAIMUNDO SANTA HELENA

<sup>14</sup> Quadra – uma estrofe de quatro versos/Sextilha – uma estrofe de seis versos/Septilha – uma estrofe de sete versos, essa é a mais rara /Oitava – uma estrofe de oito versos/Quadrão – os três primeiros versos rimam entre si, o quarto com o oitavo e o quinto, o sexto e o sétimo também entre si/Décima – uma estrofe de dez versos/Martelo – estrofes formadas por decassílabos (estes são muito comuns em desafios e versos heroicos).

<sup>15</sup> Academia Brasileira de Literatura de Cordel.

Os exemplos 6 e 7 são trechos de cibercordéis criados diretamente na plataforma virtual.

Exemplo 6

Cadê O Super-Homem?

Se você olhar pra História  
A Revolta era agressiva  
Quem sofria a injustiça  
Tomava iniciativa  
E partia pro confronto  
Numa luta coletiva

Em resposta, os poderosos  
Enfrentava o desacato  
E desciam os soldados  
Com prisão e assassinato  
Pra conter os revoltados  
Nunca deixavam barato

Mesmo assim havia luta  
Pra quem tinha algum estudo  
Qualquer um que leia sabe  
Que só se fazer de mudo  
Não resolve o problema  
No fim só piora tudo

Fonte: <http://www.carlissongaldino.com.br/category/engenho/redondilhas-maiores>

Exemplo 7

**Por que a pobreza nasce e por que a riqueza cresce?**

16 de dezembro de 2013

Peço licença aos leitores  
Que gosta de poesia  
Para falar de um tema  
Presente no dia a dia  
A fome irmã da miséria  
Coisa cada vez mais séria  
Está virando tirania  
Entre a fome e o comer  
Existe uma ponte injusta  
Com pilhares de egoísmo  
Arquitetura que assusta  
Poucos metros de riqueza

Com quilômetros de pobreza  
São dois lados que me frustra  
A riqueza e o poder  
Não pertencem a criação  
Pois corrompem a natureza  
Traz miséria pra o povão  
Mascaram-se de santinhos  
Mas são malvados cretinos  
E filhos da maldição

Fonte: <http://caritas.org.br/cordel-por-que-a-pobreza-nasce-e-por-que-a-riqueza-cresce/23992>

Nesses quatro exemplos, tanto os cordéis físicos quanto os cibercordéis tratam de temas histórico-sociais com a mesma linguagem, elementos como a crítica social. A construção dos versos seguem semelhantes.

Ainda pelos exemplos vistos acima, assim como os demais cordéis que compõem a amostra deste trabalho, assim como tantos outros que por uma questão de delimitação ficaram de fora desta análise, tanto o cordel físico escrito em papel, quanto os cordéis que já nascem em ambiente digital não se distinguem quanto à linguagem utilizada. É possível, inclusive, encontrar cordéis físicos que falam sobre as mudanças tecnológicas, assim como encontramos cordéis virtuais que tratam de histórias antigas e releituras de outras obras (Boccacio, Getúlio Vargas, A escrava Isaura), sejam elas clássicas ou antigos cordéis. Por não haver uma ruptura na linguagem, os leitores do cordel tradicional que dispõem do acesso aos meios digitais continuam recepcionando esta literatura de forma natural, de acordo com Hutcheon (2011, p. 45):

Para o leitor, espectador ou ouvinte, a adaptação como adaptação é inevitavelmente um tipo de intertextualidade se o receptor estiver familiarizado com o texto adaptado. É um processo dialógico contínuo, conforme Mikhail Bakhtin teria dito, no qual comparamos a obra que já conhecemos aquela que estamos experienciando.

Assim como a LC hoje não é a mesma que se originou nas cantigas orais, o seu leitor também não é o mesmo, embora seja possível encontrar pessoas analfabetas que recorram aos

cantadores de versos principalmente por lazer, visto que hoje a TV e o rádio são os meios mais usados como fontes de informações.

Atualmente pode ser encontrar o cordel oral, escrito ou digital, e consumidores em todos esses suportes, não havendo apagamento de nenhum meio, visto que, se um internauta acessa um cordel virtual, facilmente terá acesso a links que levam a cantorias, cordéis escritos em suporte tradicional (papel), mas que foram digitalizados, enquanto acessam cordéis que já nasceram no ambiente digital. Não há exclusão, e sim uma aglutinação.

As novas tecnologias permitiram a LC uma ampliação do seu espaço, seja ele de criação, de divulgação e de leitura. O cordel, que em sua fase oral e escrita dependia dos cantadores e posteriormente dos mascates que viajavam em mulas, levando os livretos para serem comercializados Brasil adentro, agora conta com a circulação virtual, cujo alcance é imensurável. O espelhamento das relações sociais descritas nos cordéis é mais um indício de que essa literatura se reinventa por ela ser inspirada, reproduzida e consumida pelas pessoas que também estão no processo de aquisição de novas tecnologias.

## **5. Considerações finais**

Muito antes do advento da internet no Brasil, populações que viviam afastadas dos grandes centros tinham no cordel o que hoje é facilmente fornecido pela tecnologia. Guardadas as devidas proporções, muito antes da rede mundial de computadores, era por meio dos livretos de baixo custo vendidos nas feiras ou pelos viajantes que os leitores dos cordéis tinham acesso a temas cotidianos, religiosos, lendas do folclore brasileiro, a fatos históricos, histórias de reis e rainhas, coronéis injustos e sanguinários, surgimento de bandos armados, donzelas em perigo, amor, morte, cobiça, entre muitos outros assuntos. As catingas orais ainda se fazem presentes em rincões no interior do nordeste, sejam pelos cantadores remanescentes das décadas passadas ou na memória dos ouvintes. O cordel físico pendurado em barbantes ainda é encontrado em feiras e cidades do interior e continua servindo de leitura informativa e de fácil acesso a quem não dispõe de tecnologias ou poder aquisitivo para acessar literatura, informação e poesia.

No processo histórico percorrido pela LC da sua origem oral através dos cantadores, tendo sido acrescida a escrita pela utilização do suporte de papel e modernamente a absorção da literatura pelos suportes digitais, sempre ocorreram aglutinações. A voz passou a ser escrita, mas não deixou de ser cantada, ritmada. Por sua vez, a escrita em papel acessou suportes digitais, mas não deixou de ser escrita, de ser impressa e assim numa interseção latente persiste educando, divertindo e se renovando a cada novo espaço de atuação que conquista. Houve, sim, mudanças naturais dos novos suportes e amplitude de alcance, mas isso não descaracteriza a LC, pois alguns traços dessa tradição permanecem. Um exemplo disso é a utilização da xilogravura que é típica do suporte impresso. Com a internet e sua infindável gama de possibilidades de figuras/desenhos que ajudem a contar a história, a arte de tirar desenhos da madeira talhada perde o sentido, mas continua até hoje sendo usada nos folhetos escritos.

Outro exemplo de que a LC se adapta através das ressignificações da sua produção sempre traduzindo o seu espaço de atuação, que é ao mesmo tempo criador e criatura, ou seja, o mundo traduzido pelo cordel é o mundo que se percebe como integrante da ficção, não é por acaso que, entre os temas tratados, estão sempre a fome, a desigualdade social, a corrupção, a violência, a tradição, a cultura, as festas, as religiosidades e tudo que cerca um povo que não se afasta das suas raízes orais.

O percurso da LC atravessou longos trajetos Brasil adentro, sobreviveu ao êxodo rural - em que os moradores do campo se viram obrigados a irem morar nas periferias dos grandes centros. Viu a popularização maciça do rádio, o nascimento da TV e o “boom” da internet. Cada acontecimento aqui descrito foi absorvido pela LC e passou a fazer parte das possibilidades comunicativas do cordel. Hoje o ambiente virtual e a literatura de cordel estão intimamente conectados, mas a morte dos livretos escritos não se confirmou, pelo contrário, parece florescer mais forte a cada dia resultante da convergência de diversos textos.

A internet permite aos seus usuários acesso à informação, conhecimento, lazer, cultura, aprendizado e uma gama quase infinita de outras possibilidades.

Permite ao sujeito identificar-se e dá-lhe voz, seja através das redes sociais ou sites, permitindo criar, divulgar e valorizar a arte popular de um povo que luta contra o preconceito linguístico, contra a desigualdade social, falta de acesso à educação de qualidade, cujas armas é a arte, a cultura e o engajamento através dos versos da LC.

As possibilidades de pesquisa, ensino e extensão utilizando a LC como objeto são muitas, embora essa ainda seja uma realidade distante. A cada nova tecnologia da escrita, a cada novo suporte digital que seja inventado os cordelistas e seu público leitor estão presentes em busca de se manterem independentes. A internet permitiu a massificação e o alcance da literatura de cordel, antes restrita aos rincões do país, hoje para qualquer parte do planeta. Uma arte popular, literária, crítica e que segue agregando novos significados, se reinventando e encantando gerações.

Foi contando a história do mundo com “cores locais”, contrariando uma hegemonia, assumindo sua origem oral e iletrada que a Literatura de Cordel fincou raízes, buscou a escrita, resgatou memórias e o modo de vida dos que até então não tinham voz, principalmente no nordeste brasileiro. Adentrou ao universo globalizado, aglutinou novos suportes e, assim, segue encantando antigos leitores e atraindo novos, perseverando seja no formato físico dos livretos seja em ambientes digitais em sites e blogs, revela indícios de que não irá se apagar.



## 6. Referências

- AYALA, Marcos e AYALA, Maria Inês. **Cultura popular no Brasil**. São Paulo, Ática, 1987.
- BATISTA, Sebastião Nunes. **Antologia da Literatura de Cordel**. Fundação José Augusto, 1977.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em Língua Materna: a sociolinguística na sala de aula**. 1ª ed. 7ª reimpressão. São Paulo: Parábola Editorial, 2014 (Linguagem 4 ).
- BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismosociodiscursivo**. São Paulo: EDUC, 1999.
- CHARTIER, Roger. "Escutar os mortos com os olhos". **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 24, n. 69, p. 6-30, jan. 2010. ISSN 1806-9592. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10510/12252>>. Acesso em 05/06/2018.
- CHARTIER. Roger. **MATRIZES**. Ano 5 – nº 2 jan./jun. 2012 - São Paulo - Brasil
- DINIZ. Madson Gois. Do folheto de Cordel para o cordel virtual: interfaces hipertextuais da Cultura popular. In: **Hipertextus Revista Digital**, v.1 2007. Disponível em:<<http://www.hipertextus.net/volume1/artigo11-madson-gois.pdf>>. Acesso em 20/03/2018.
- KABATEK. Johannes. Tradições discursivas e mudança linguística. Tania Lobo (Org.)**Para a história do Português Brasileiro volume VII: Novos dados, novas análises**, Tomo II. EDUFBA Salvador - Ba 2006.
- HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Florianópolis: UFSC, 2011.
- SILVA. Silvio Porfirio Da. Literatura de Cordel, Linguagem, Cultura e Ensino: uma proposta para o trabalho com a leitura. **Revista Encontros de Vista**. 5ed. Pernambuco 1998. Disponível em [http://www.encontrosdevista.com.br/Artigos/Antigos/Silvio\\_Porfirio\\_e\\_demais\\_colegas\\_de\\_Letras\\_Literatura\\_de\\_Cordel\\_Linguagem\\_Cultura\\_e\\_Ensino.pdf](http://www.encontrosdevista.com.br/Artigos/Antigos/Silvio_Porfirio_e_demais_colegas_de_Letras_Literatura_de_Cordel_Linguagem_Cultura_e_Ensino.pdf). Acesso em 01/01/2018.
- SOUSA, Diógenes Lycarion B. de Ciber-Cordel: uma expressão contemporânea da dinâmica da Literatura Popular em verso. In: **Colóquio Internacional de Comunicação para o Desenvolvimento Regional**, 12, 2007, Fortaleza. Anais... Fortaleza: [s.n.], 2007. Disponível em: <https://cibercordel.wordpress.com/2013/08/01/ciber-cordel/> . Acesso em: 01/03/2016.

TAVARES, Bráulio. A alma e o corpo do cordel. III CLISERTÃO. **Congresso Internacional do Livro, Leitura e Literatura no Sertão**: caderno de resumos, artigos e programação. UPE. Secretaria de Cultura de Pernambuco -Fundarpe. Petrolina-Pe: Gráfica Franciscana, 2017.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. São Paulo: Hucitec; EDUC, 1997.

\_\_\_\_\_. **A letra e a voz**: a “literatura” medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

---